

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

1.º ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 1500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 7

EXPEDIENTE

Aos excellentissimos senhores a quem enviamos o nosso jornal, rogamos que, quando o não queiram assignar, de nol-o devolverem com a mesma cinta, ou indicação do seu nome para a suspensão da remessa; aliás serão considerados assig-nantes.

BRAGA

SABBADO 11 DE MARÇO DE 1882

AS EMPALMAÇÕES

Era nas proximidades de um estrepitoso baile. Estava convidado para elle tudo quanto havia de mais escolhido em uma importante cidade.

Certo Adonis encontra um amigo.

—Sabes que não estou convidado para o baile do marquez * * * mas que desejo vivamente ser-lhe apresentado?

—Não é difficil... se queres, eu te apresentarei.

A hora conveniente dois individuos entram nos salões do marquez, e procuravam fallar-lhe. O Adonis regorgitava de alegria.

—Sr. marquez....

—Meus senhores....

—Tenho a honra de apresentar a V. Ex.ª o meu amigo F * * * cavalheiro distincto etc., etc., etc. Era uma selecta de merecimentos classicos, o cavalheiro.

—Muito me penhora a apresentação... porém, quem me apresenta o apresentante, que não tenho o gosto de conhecer?

—A mim... ninguém, porque me vou embora!

Eis uma scena que nos é annunciada para o momento da proxima installação do centro da mocidade legitimista do Minho!

E mais ainda: são os intrusos que nos vem bater á porta para nos fazerem os gastos da festa!

Já é felicidade nossa a generosidade d'elles!

Uns individuos de Lisboa pretendem ins-

tallar-nos em centro politico-legitimista d'elles! Para este fim vem apresentar-nos os seus representantes.

Já é favor!

Mas este favor tem os laivos de um habilitado expediente.

Uma verdadeira empalmação!

Na politica os Hermans e os Richards podem chamar-se Gambettas.

Mas Gambetta procurando empalmar uma assemblea popular com a garra adunca de sua eloquencia, em vez do suffragio que buscava, teve o assobio que o repulso.

É que a dignidade de um partido não cabe na palma da mão de qualquer saltimbanco.

Pois não é mais do que dizer como Cromwel «eu tenho o rei no meu sacco, e o parlamento na minha algibeira»?

Para uma tal vaidade temos que oppôr cincoenta annos de experiencia e de enganos.

O partido legitimista está farto de ser explorado na sua boa fé.

A mocidade legitimista do Minho, dando o primeiro passo para a restauração da causa legitimista, não pôde retrogradar. Se Portugal seguir o seu exemplo, Portugal será só um nas aspirações gloriosas do futuro; se não, a mocidade legitimista do Minho será autonoma, mas será honrada e fiel, e caminhará na vanguarda para onde a liça fór travada com maior encarnicamento.

Não carecemos de Lisboa sob nenhum ponto de vista. A pyrotechnia politica não dá resultado no nosso lar. Preferimos as rodas das nossas charruas, ás rodas de José Osti. Lisboa é a cidade das luminarias. Quando ellas se apagam é noite sem estrelas. Os nossos fogos de alegria, temol-os feito com polvora, mas saem pela bocca das armas, ao son dos hymnos nacionaes. Em quanto o Minho sacrificava riqueza e vidas pela monarchia legitima, em quanto o partido legitimista com o proprio sangue escrevia no solo do Minho a grande epopéa das suas façanhas, Lisboa, a cidade dos chefes, com sua guarnição formidavel, abandonava covardemente, sem um tiro sequer, ás hostes do duque da Terceira o solar de nossos reis, e fugia vergonhosamente ao dever, e quiza, á honra.

Desenganem-se de que estamos fatigados

da triste figura que temos feito ha meio seculo, a troco somente do prazer da sua companhia.

Meio seculo é uma geração consumida!

Toda a actividade, toda a energia, toda a audacia do partido legitimista, sentimento por sentimento, impulso por impulso, aspiração por aspiração, homem por homem, esteve cincoenta annos encerrada na caixa do rapé dos caturros politicos!

Libertos como estamos, é forçoso que a luz se espalhe em jorros por todo o partido.

Dizemos a verdade. Se não gostam de a ouvir, que nos importa isso? Não temos um caracter accomodaticio. Se estamos n'esta posição a culpa é sua.

Crearam a actual attitude do partido legitimista. Hoje não a poderão vencer, porque a sua obra é mais forte do que elles.

Os rasgos politicos são começados pelos que produzem as circumstancias, e acabados pelos que produzem os acontecimentos.

Pois julgaes que uma palavra basta para nos desarmar a deisção? Acreditae talvez que a vossa presença seria bastante para nos render?

Vaidade! O vosso brilho já nos não offusca! Nunca o sol pôde melhor ser encarado, como quando está mais perto da terra; quando surge, e quando váe desaparecer. E vós estaeis no occaso. Todo o poder tem suas crises, como toda a montanha tem seus invernos.

Napoleão I dizia—«Com Anvers eu tenho uma pistolla carregada sobre o coração da Inglaterra»—Santa Helena arrebatou-lhe da mão a pistolla.

Se ainda não vistes que vos chegou a vossa Santa Helena, e que estaeis no vosso inverno, é porque a cegueira que tendes nenhuma lente a corrige.

Forçoso é ter bom senso; e é notavel que estaeis calucos, e não chegaes ainda a estar maduros!

Não somos nós que vol-o dizemos, é a consciencia publica.

A revolução liberal tem sido um accesso louco do paiz contra a patria. Liberdade contra a liberdade. Vós tendes sido uma anemia. A consumpção de vós mesmos.

No leilão politico de cincoenta annos Lisboa tem favorecido o paiz de um modo singular. Os governos arrancam a camisa

do povo e embrulham-o no farrapo da liberdade. Vós, o *high-life* da legitimidade, mandaes-nos rhetorica, e levaeis-nos o sangue.

Oh! a paciencia não tem o cabelo preto!

O rei Fernando, de Napoles, dizia que para governar um povo se carecia apenas de trez F. F. F.—*festa, força e farinha*. Nós dizemos que para se dirigir um partido se carecem trez A. A. A. *alma, arrojo e abnegação*. Ora nenhum nome dos que nos pretendem absorver se escreve com estas letras

Só conhecemos uma temeridade maior do que a de nos quererem absorver, é a de nos quererem illudir.

Só conhecemos uma coisa mais notavel que a sua incapacidade; é o seu zelo da ultima hora.

Os Aquillas buscam Pompeu, mas encontram a Cezar! Ha espadas de generaes, que ferem melhor nos antros da intriga vilan, do que no campo das luctas cavalheirosas. Muitas vezes porém essas espadas tem dois gumes.—

Uma velha profecia de Mahomet diz que «um sol se erguerá um dia do occidente».

Estes Sebastianistas querem ser o sol de Mahomet. Querem a sua aurora depois de serem sol posto. Isto não surpreheude: do Bandarra a Mamhomet dista apenas um nome.

Adoram o maravilhoso.

Pois se gostam, oiçam uma historia tambem maravilhosa.

«Em tempos que já lá vão (e dizem-n'o as Escripturas) era uma vez um rei chamado Nabuchodonosor, que durante sete annos esteve transformado em animal das florestas, mas que findo aquelle periodo de encantamento voltou á forma humana.»

A força de Bandarrismos e de Mahometismos, o partido liberal riu-se de nós, e julgou ver-nos em florestas emaranhadas, transformados em animaes de longas orelhas.

Decorridos porém os annos de encanto, eis nos retomando a nossa forma primitiva.

A esta metamorphose ultima dá-se o nome de regeneração, e esta regeneração chama se pundonor.

FOLHETIM

FACTOS HISTORICOS

O bello artigo que o sr. Viriato Silva, publicou em o n.º 5 do PÊRO GALLEGÓ, suscitou-me o desejo de lhe fazer algumas anotações e ampliações, que não desagradarão—julgo eu—aos leitores da CRUZ E A ESPADA—Eil as—

D. Jorge de Alencastre.

Nasceu na villa de Abrantes, a 12 de agosto de 1481.

Era filho natural, legitimado, do principe D. João (depois, D. João 2.º) e de D. Anna de Mendonça, senhora noblissima, filha de Nuno Furtado de Mendonça e de sua mulher, D. Leonor da Silva.

D. Anna de Mendonça, foi commenda-deira perpétua do mosteiro de Santos o Novo, em Lisboa; que o seu amante, já rei, construiu para ella, que ali acabou os seus dias.

As amantes dos nossos antigos reis, todas biam morrer freiras ou recolhidas, em qualquer mosteiro.

D. João 2.º, teve sempre um grande amor a este filho (e o merecia, porque foi o mais perfeito cavalheiro do seu tempo) amor que augmentou desde que ficou sendo filho unico, por ter fallecido, em 12 de julho de 1491, seu filho legitimo o principe D. Affonso, da queda de um cavallo na Ribeira de Santarem.

D. Affonso, tinha casado com a princeza D. Isabel, filha dos famosos reis catholicos, Fernando e Isabel, de Castella.

D. Isabel, veio depois a casar com o nosso rei D. Manoel, e teve um filho unico (porque ella morreu do parto, em Saragoça) o principe D. Miguel, que morreu em Castella, de poucos mezes de idade.

D. Miguel, denominado da Paz, era o legitimo herdeiro do throno de Castella, pelo que o nosso rei D. Manoel foi jurado principe herdeiro d'aquelle reino, em Tolêdo, a 28 d'abril de 1498; porém, a morte da esposa e do filho lhe tiraram a esperança de vir a ser imperador da Peninsula hispanica.

Tornamos a D. Jorge de Alencastre. (Tomou este appellido, de sua 3.ª avó, D. Philippa d'Alencastre, mulher de D. João 1.º).

D. João 2.º, o fez duque de Coimbra, e muito desejou nomeal-o seu successor á corôa, o que se não effectuou pela tenaz opposição de sua mulher e prima, a santa rainha D. Leonor, irmã dos duques de Vizeu (a) e Béja.

(a) O duque de Vizeu, D. Diogo, foi morto a punhaladas, pelo proprio D. João 2.º (o principe perfeito!) em Setubal, a 23 de agosto de 1484—e o duque de Béja, D. Manoel, foi o herdeiro da corôa, succedendo a seu primo e cunhado, o assassino de seu irmão.

O duque de Vizeu, se não fosse assassinado, seria o successor legitimo do seu assassino.

Todavia, D. Manoel, apenas subiu ao throno, mandou vir á sua presença, o infante D. Jorge, e o tratou com as maiores attentões, e grande carinho. Confirmou-lhe o titulo de duque de Coimbra, e o senhorio d'esta cidade, e lhe deu os mestrados das ordens de S. Thiago e Aviz, além de muitas e valiosissimas rendas; ao que D. Jorge sempre se mostrou agradecido, sendo um dos melhores amigos e leaes conselheiros do rei.

Casou D. Jorge, com D. Beatriz de Vilhena, filha de D. Alvaro, irmão de D. Fernando 2.º, duque de Bragança (o que foi degolado por ordem do principe perfeito, na praça d'Evora, a 22 de junho de 1483!)

O rei D. Manoel mandou, á sua custa, fazer as bodas de D. Jorge, com tanta magnificencia, grandeza e dispendio, como se fossem de um seu proprio filho.

Foi seu filho, D. João de Alencastre, marquez de Torres Novas, e 1.º duque d'Aveiro, progenitor do ultimo duque do mesmo titulo, o infeliz D. José Mascarenhas, que, com os outros seus cumplices, foi barbaramente supplicado no caes de Belem, a 13 de janeiro de 1759, pelo attentado de 3 de setembro de 1758.

D. Jorge, depois de viuvo de D. Beatriz de Vilhena, quiz, em 1551 (quando tinha 70 annos de idade!) casar com D. Maria Manoel, dama da rainha (D. Catharina, mulher de D. João 3.º) e que apenas contava 16 annos de idade, e, apezar da opposição de seus filhos, o duque d'Aveiro, e D. Jayme, bispo de Ceuta, chegou a celebrar espou-

saes e escriptura de casamento; porém o rei não consentiu que elle se effectuas-se e (diz frei Francisco de Santa Maria—*Anno Hist.*, tomo 2.º pag. 501) ficou a moça com a sua primavera sem inverno, e o velho, com o seu inverno sem primavera.

D. Jorge, teve tal sentimento por isto, que falleceu pouco tempo depois, em Palmella.

Segundo outros, o duque morreu envelenado, por um medico judeu, natural de Setubal, que sendo preso, confessou que, com effeito, fôra a causa da morte de D. Jorge, e do famoso pregador, frei João de Ceuta, com purgas que lhes applicára!

Foi sepultado, em um soberbo mausoleu, na capella-mór da egreja, cabeça da ordem, de S. Thiago de Palmella.

Em 1834, ficou o mosteiro dos freires d'esta villa, completamente abandonado ás destruições do tempo, e ás devastações dos vandalos modernos.

Nos seus claustros, jazem as cinzas venerandas de muitos herôes, a quem devemos a nossa independencia, e o nome glorioso que Portugal teve em outras eras.

O tumulo de D. Jorge, foi profanado, em 1839, e os seus ossos ficaram expostos ás chufas e ao escarneo das turbas!

Algumas pessoas de Palmella, foram-se á sepultura de D. Jorge, e levaram—umas os dentes; outras, um ossinho qualquer, do illustre defunto, para guardarem, como lembrança.

(Continúa).

PINHO LEAL.

O dogma de um partido carece da disciplina das consciências. Somos leaes á voz íntima do dever, da honra e da esperança; trindade que se encadeia, e que ha-de deduzir-se na historia com a força colossal da logica dos factos. O futuro ha-de fazer-nos justiça, quando face a face nos medir estes grandes syllogismos do destino.

As pessoas e os mandatos, se existem, são o dia de hoje, mas os partidos são o dia de amanhã.

E se nós caminhamos para o futuro, para que se nos impõe o passado nas individualidades que vivem apertadas no seu anel de ferro?

É necessario plantar o sentimento universal do partido legitimista, sob o astro do dia hoje, no solo legitimista, e esperar pelos orvalhos da manhã que ha-de vir. Os rocios de hontem são já do Oceano, que os envolve e os esconde na sua entra-nha de sal.

Ainda uma vez: que querem estes Pá-pas? Que veem cá fazer?

Conquistar idolatras?

Não os ha aqui. O idolo cahiu do pedestal, e jaz feito pedaços. Era um elemento dissolvente, impedido, aniquilador. Impulsou-o a honestidade, senso commum, um novo culto, para o abysmo que o trouxe.

Mas vej-m.

Não ha uma só occasião em que o partido legitimista ou o partido catholico haja empreendido erguer-se do seu abatimento, que não tenham vindo estes patriarchas apresentar as suas veneras, para tomarem o commando em nome de um direito abstruso e absurdo! e de todas as vezes homens cheios de vontade e de valor, tem respeitado aquella mal entendida supremacia, e entregue a sua sorte nas mãos tremulas d'aquella auctoridade anonyma.

D'aqui, o que se tem seguido é que a obra da dedicação morre sempre esfacelada entre os dedos de aço da incapacidade e do desleixo.

Isto nas provincias, isto na propria capital. Falle Ribeiro Saraiva; que o digam as cinzas de Faria Blanc, do Conde de Lavradio e do Bispo D. João, ultimo commissario da Bulla da Cruzada.

Quem que não haja nem legitimismo, nem catholicismo fóra d'elles?

Pois bem, se são a destruição e a inercia systematica, legitimistas e catholicos, depois de tão larga lição, os põem de lado, e passam adeante.

E é mister que os não deixemos acerrar de nossas portas. Os lobos que entram no povoado não vão guardar a casa do aldeão. Assaltam-n'a e devoram a melhor ovelha.

Não somos nem de fabulas maliciosas, nem de parabolias farfantes.

Fallamos portuguez, e dizemos a verdade cara a cara.

Se tem coragem façam outro tanto, mas não venham com incidias e meias palavras, esconder se no seio do partido que os acalentou para o morderem como viboras; nem necessitam de nos ferir pelas costas, a nós, que lhes damos o peito.

A mocidade legitimista do Minho tem em si fidalguia, intelligencias, poderios, riqueza e brios; não carece importar de parte alguma quanto necessita para a sua vida politica.

Dispensa, e não agradece o favor de estranhas protecções, e não aceita, antes recusa, com toda a altivez da sua dignidade, nma tutela que a aviltaria.

A capital de um partido é onde elle tem o coração.

Lisboa póde ser nossa aleada, se se tornar digna d'isso como o podem ser todas as cidades do paiz; porém a nossa cõrte, por ora é Brombach, e o nosso unico chefe é o rei.

A LIGA CATHOLICA

No nosso artigo do nosso ultimo numero significámos todo o desejo pela realisacão da união catholica.

Como bons catholicos e bons portuguezes mostramos a nossa aspiracão tanto mais íntima e sincera, quanto era certo que o chefe da Egreja acabava de erguer a voz infallivel pela causa legitima e pela causa catholica.

Mal podiamos suppor que tão de pressa o nosso pensamento tivesse a mais rapida realisacão que era possivel imaginar-se!

Ao mesmo tempo que estava-mos escrevendo, o padre Senna Freitas, como campeão fiel da causa da Egreja, encontrava com o nosso o seu pensamento, e comnosco obedecendo ás palavras inspiradas de Leão XIII, erguia a voz, unida da verdade e dos entusiasmos, em meio da sociedade Bracarense, que o applaudiu, que o victoriou, e que cresceu em fidalguia e brios pela reivindicacão dos direitos do Rei de Roma e da Egreja de Christo!

Louvado Deus! mão do Omnipotente conduzia os filhos de Braga ao lugar da honra, que lhes compete entre as hostes da Cruz!

Louvado Deus! A Braga de S. Geraldo é ainda Braga de Leão XIII.

E sel-o-ha sempre!

A mão da revolução não apagou nem apagará jámais de seus escudos os sym-bolos da sua nobresa.

Para separar o passado do futuro carecia-se de um abysmo de permeio. Esse abysmo tem sido 46 annos de vida liberal; para muitos, de provações e martyrio, mas de firmeza e decoro.

Transposto o medonho pezo, o que fica deante é um horisonte de esperanças!

Leão XIII Rei, Leão XIII Papa, a Egreja triumphante, é o pensamento da liga catholica, cuja existencia Braga acaba de iniciar.

Salve Braga! Salve cruzados do seculo XIX!! Foi esplendido o dia 3 de Março! Dia glorioso, que na historia do povo portuguez tem de assignalar a pagina mais honrosa da geraçã de hoje!

É um colosso que se levanta. Alçou o braço: quando o deixar cair, esmagara um seculo de crimes!

Oh! mas porque foi que uma ligeira nuvem quiz toldar o céu puro e diaphano d'aquelle dia formoso?

Porque foi que em nossa alma cahiu aquella nuvem como uma tempestade, para nos arrebatat os risos da alegria, como se elles podessem abandonar-nos no jubilo d'este momento?

Porque foi que a voz sympathica e entusiastica do sr. padre Bacellar, ao saudar a aurora de paz e de esperança que surgia, veio arrojat para o nosso campo uma palavra de affronta?

Não! essa palavra expira antes que a escute a nossa firmeza de catholicos, e a nossa lealdade de legitimistas!

Não! Essa palavra não nos póde ferir, porque temos por escudo o lemma que defende a mocidade legitimista portugueza:

Por Deus, Patria e Rei.

Não! que se pela patria temos o nosso coração, se pelo Rei temos a nossa fidelidade, por Deus temos a alma pura, e grande por que é d'Elle!

Podeis encontrar no campo legitimista, escondidos atraz dos parapeitos da cobardia, alguns, poucos, miseros visionarios, hypocritas da fé e Iscariotes da politica. Esses que não são nem legitimistas nem catholicos de boa fé, esses que especulam em nome de Deus, e vivem em nome da Patria,—medram em nome do Rei!

Mas quando os encontrardes, abri-lhes a roupeta, que debaixo d'ella estará um punhal envenenado com que sabem ferir pelas costas. Arrancai lhes a mascara da serenidade, que debaixo encontrareis rostos lividos; rasgai-lhes o peito, que lá dentro estará o vacuo, por que nem Deus, nem patria, nem rei habitam ali.

São esses como que os espectros, que vagueiam sinistros pelo nosso campo; mas elles não são o partido legitimista, como a voz do sr. padre Bacellar, contra a qual protestamos, não é ao partido catholico, cuja unidade entusiasticamente

applaudimos e cujo triumpho ardente-mente desejamos.

Que nos importa a nós, como catholicos, qual a cõr politica de cada catholico que vem comnosco á Egreja orar e ao campo das luctas combater pelo Deus, que é nosso Deus!?

Venha d'onde vier, o catholico, é como nós somos, soldado da Cruz! Seja qual fór o seu berço, o filho da Egreja é nosso irmão.—Esteja em que campo estiver, o catholico que nos estender o braço, encontrará a nossa mão leal, tal é a proximidade que existe do campo legitimista ao campo catholico.

Se a coherencia é um facto, se lhe é laz a boa logica, catholicos e legitimistas estão n'uma só linha combatendo o inimigo commum a revolução.

E o triumpho será de todos a alegria das victorias! E esses triumphos, e essas victorias serão o vinculo mais poderoso da unidade nacional.

Aqui a nossa profissão de fé. Legitimistas sinceros e leaes, somos catholicos firmes e decididos.—Contem com o nosso animo resolutivo, e com o nosso serviço desinteressado. Os tectos do Vaticano chegam para nos cobrirem a todos.

QUE INGRATO

O *Commercio do Minho* revoltou-se de um modo vergonhoso contra o nosso amigo e colaborador o sr. João Ferreira Torres, mimoseando-o com *chifradas* tão des-temperadas que pedem comiseracão ao publico que foi offendido, e ao nosso amigo Torres, que foi insultado, pela sociedade—*Batata—Coelho e companhia*.

Não se lembra aquelle misero ingrato dos serviços prestados pelo sr. Torres ao *Commercio do Minho*, escrevendo para elle importantes artigos—como, o doello entre os srns. Cypriano Jardim, e Camillo Castello Branco—(que senão reali-on)—o negro sudario—a estatua do sr. D. Pedro V, por occasião da inauguração—a grande carga ao escrivão de Fazenda Moraes—O vesitador do sello—resposta ao *Jornal da Manhã* refutando os insultos ali escriptos contra a honrada Gerencia do Banco do Minho, e finalmente a descripção do jantar, por occasião do anniversario natalicio do senhor D. Miguel II—(19 de setembro do anno findo) e mil outras cousas?

Até nos recorda, que o sr. Aguiar do *Commercio*, foi a casa do nosso amigo acompanhado do sr. Manoel Ignacio, pedir-lhe que se encarregasse da descripção do jantar, e por *brinquedo* já se vê, levou-lhe um objecto de pequeno valor, mas de grande estimacão para elle, que ainda não recebeu, e pelo qual protesta.

Então, isto é, quando o sr. Torres escrevia para o *Commercio do Minho* era uma intelligencia rara—era activo, e fogoso nos seus e-criptos, agora é um ignorante, não sabe ler nem escrever, é baixo—pernas tortas oréllhas de coelho, vesgo dos olhos e pouca barba (isto é ajudas etc., etc).

Que ingrato!! Não se lembra dos grandes favores que o nosso amigo lhe prestou: não se lembra que a sr.^a D. Maria Clara Dias da Costa é sua comadre, e que estão nas melhores relações: que o sr. Torres, sobre a morte do sr. José Maria Dias da Costa, coadjuvou em tudo e por tudo aquella sr.^a para a desembaraçar dos complicados negocios a que era estranha, mas em que ficou envolvida por fallecimento de seu chorado irmão?

Não se lembra o ingrato—que a victima insultada foi o melhor bemfeitor do *Commercio do Minho*, tomando a sua defeza em um processo crime, muito grave—tratando tudo—e fornecendo os meios, como póde certificar o sr. Luiz Baptista da Silva—sendo apenas chamado para o dia do julgamento o ex.^m sr. dr. Adolpho Pimentel?

Não se lembra o ingrato, que por respeito á memoria do fallecido sr. José Maria Dias da Costa, trata ainda hoje uma causa, em que tem gasto dezenas de libras do seu bolso, e os seus serviços gratuitos?

(Se quizer saber a verdade d'este facto, pergunte-o á criada antiga da casa, que se acha alleijada).

Não se lembra o ingrato—não se lembra; ponhamos ponto. Só diremos, que é incrível

que a sr.^a D. Maria Clara, proprietaria do *Commercio do Minho*, comadre do sr. Torres, tenha conhecimento dos insultos dirigidos ao nosso collega—porque, seria desconhecer os deveres de familia, d'amisade e de gratidão!

Não—não: aquella virtuosa sr.^a de certo não tem conhecimento de nada—porque se o tivesse, acreditámos que correria a chicote esses vendilhões—esses mercaneiros sem aptidão para nada e que só sabem especular com a santidade—virtude e boa fé das pessoas ingenuas.

Repetimos, fazendo justiça á sr.^a D. Maria Clara—esta santa e virtuosa sr.^a não sabe de nada—e se sabe alguma cousa, a intrugisse, a intriga e a infamia tem-se aninhado, ou arrojado a seus pés.

Contem comnosco, que havemos de desfazer toda essa mascara de hypocrisia.

Perdoe-nos a sr.^a D. Maria Clara acordal-a do seu silencio, mas, a nossa honra, e o nosso dever assim o exige.

Fomos provocados e insultados occorremos o dever sagrado da desafronta; é o que fazemos, gritando sempre—especuladores! intrujões!—*Gato amarelo?!...*

F.

Aos nossos assignantes e a todo o partido legitimista.

Na terça feira passada, publicamos em supplemento um protesto contra as injurias dirigidas pelo sr. padre Bacellar ao honrado partido legitimista, em uma reunião que teve logar na casa da Associação Commercial, com o fim de formar a *Liga Catholica*.

Neste mesmo supplemento quizemos desafrontar-nos dos insultos que o *Commercio do Minho* no seu numero 1352 de 7 do corrente nos atirou ás faces.

Não podiamos de maneira alguma ficar silenciosos até á publicacão do nosso jornal, e foi por este motivo que demos o supplemento.

O *Commercio do Minho*, unicamente por interesse, ainda o nosso jornal não tinha sabido á luz da publicidade, já nos provocava e continuou a provocar.

Dissemos-lhe verdades amargas? pois tenha paciencia; e creia que ficou ainda muita metralhada para lhe fazer fogo (se tiver o atrevimento de nos tornar a acometter).

Não criámos a *Cruz e Espada* para fazer *commercio*, nem defendermos partido algum liberal: o nosso fim foi, e será sempre defendermos a gloriosa bandeira de Deus, Patria e Rei, á qual somos dedicados.

O *Commercio do Minho* devia saber perfeitamente quem nós somos, e quaes as nossas ideias em religião e politica, mas se o não sabia perguntasse a alguns dos seus *poucos e dedicados* amigos e estes que o informassem.

Não venha agora para nos desacreditar, dizer que nós offendemos o partido legitimista!! isto é uma infamia e não póde passar sem correctivo.

Foi ao *Commercio do Minho* unicamente que nós nos dirigimos, porque nos insultou.

O partido legitimista não é o «*Commercio do Minho*», nem este é aquelle; posto que á ultima hora se quer inculcar orgão do partido legitimista de Braga, sem bullas nem direito nem titulo algum que o recomende.

Repetimos; não foi o partido legitimista que nós offendemos, nem a qualquer de seus membros, mas sim ao «*Commercio do Minho*», que nunca foi nem é legitimista: áquelle os nossos respeitos e a este o nosso desprezo.

Do nosso lado está a razão, pois fomos os provocados e não os provocadores.

E por ultimo declaramos, que sempre fomos e seremos legitimistas *d'antes quebrar que torcer* e mais entusiastas pelo partido do que quantos «*Commercios do Minho*» se possam imaginar,

Esta é que é a verdade, e deixe-se o «*Commercio do Minho*» de palavriados, por que todos o conhecemos.

Outro officio mestre Coelho.

A PALAVRA

Este denodado Campeão do Catholicismo—que tantos serviços tem prestado á Causa de Deus e á sua Egreja, faz, do nosso novel jornal—*A Cruz e a Espada*—o melhor juizo, consagrando-nos phrases tão tocantes, que não podemos furlar-nos a exaral-as aqui, pedindo-lhe venia. Eil-as:

A UNIÃO CATHOLICA EM POTUGAL

Exultemos de jubilo os catholicos portuguezes! Vemos felizmente confirmada a noticia que, sob equal epigrapha, inserimos, cheios de contentamento, no nosso numero anterior. Mas a nossa alegria sobe de ponto, ao virmos aquella nova confirmada por um valente periodico bracarense, que é catholico em Religião e legitimista em politica. Este periodico é a *Cruz e a Espada*, legitimista d'antes quebrar que torcer, como declarou no seu programa, que tem mantido purissimo n'este ponto e como se evidencia em todos os seus numeros.

Diz elle o seguinte no seu numero de 4 do corrente:

« Amanhã à noite e na casa da Associação Commercial, terá lugar uma reunião promovida pelo sabio escriptor catholico, o Padre Senna Freitas—um verdadeiro apóstolo.

O fim deve ser santo e justo. Será a liga catholica? A vante catholicos—escalamos a muralha da revolução.—Unamo-nos todos—juntos seremos fortes e daremos a paz à Igreja.

Viva o SS. Padre Leão XIII.

Bravo! Bravissimo!

Isto comprehendemos nós. Assim comprehende-se bem a missão de jornalista catholico. Defenda-se embora, uma determinada politica ou qualquer forma de governo, mas não se tenha a audacia de querer subordinar a ella os interesses da Religião, que pairam n'uma esfera immensamente superior ás cousas humanas.

Sustente-se, embora, a politica legitimista, que não repugna ao Catholicismo, podendo-se ser muito bem catholico e legitimista, mas não se caia no monstruoso absurdo de proclamar que os actos do movimento catholico devem sujeitar-se ao movimento politico legitimista ou a qualquer outra politica. Declare-se, enfim, qualquer individuo ou jornalista catholico e legitimista ao mesmo tempo, mas não commetta o gravissimo crime de estar sempre a chamar, até causar nojo, *catholicos liberaes* aquelles que se declaram só catholicos ou que apoiam uma politica differente, que não repugne essencialmente à Religião.

Ainda bem, que vemos um periodico catholico-legitimista defender, como nós, a *União Catholica* em Portugal, sem subordinação a esta ou aquella politica.

Sedentos de justiça,—porque nunca se teem fartado de nos insultar aquelles que errada e criminosamente sustentam que o movimento catholico não deve progredir fóra das fileiras do partido politico-legitimista—sedentos de justiça, repetimos, registamos com verdadeiro prazer as phrases do nosso collega sobre a Liga ou União Catholica.

Nem se diga que nós torcemos o sentido das palavras da *Cruz e Espada* ou tiramos conclusões que se não contem nas premissas.

N'aquella local tudo se refere ao Rev.º Sr. Padre Senna Freitas e é bem conhecido de todo o paiz que este eminente escriptor sempre advogou nas columnas do *Progresso Catholico* e da *Palavra* o pensamento da União Catholica, sem subordinação a partido algum.

Demais, o nosso collega da *Cruz e Espada* publica no mesmo numero um artigo da Redacção em que diz o seguinte:

«... Possuindo (Braga), como não podemos contestar, tão grandes predicados, porque é que o nosso clero não tem creado um jornal de combate, puramente catholico e mesmo desprendido de toda a politica; mirando só aos interesses da Igreja e defendendo as suas sãs doutrinas, pondo a calva à mostra a esses impios escrivinhadores que já entram de chapéu na cabeça por nossa casa dentro?!»

Repetimos: isto comprehende-se.

RELIGIÃO

UNIÃO CATHOLICA

Não correm favoraveis os tempos para a Igreja de Deus em uma grande parte mesmo dos estados que se honram com o glorioso titulo de filhos predilectos d'ella.

A Igreja foi, e será sempre combatida. Não pôde deixar de o ser.

Ella é a continuação da missão d'Aquelle que foi posto para signal de contradições de muitos e de salvação de muitos mais.

Não é o discipulo maior que o Divino Mestre. Deus não permite que a nossa vida seja sempre cheia de consolações. Os seus santos não as estríaram. Elle mesmo quiz que as não tivessem.

Os maiores amigos de Deus são os que mais soffrem aos olhos do mundo.

Lazaro, o amigo de Jesus, estava mortalmente doente; João, o maior homem, o maior santo que as mulheres geravam, estava em uma prisão, e Herodes o mau, o homicida, o incestuoso, o impio, estava no throno.

Mas a doença de Lazaro e a degolação de João Baptista serviram de gloria a Deus e de premio immorreidoiro aquelles:

Lazaro é resuscitado ao quarto dia decorrido sobre essa morte e quando a corrupção se tinha já apoderado de seu cadaver. Para isso veio Jesus de longe visitar seu tumulo. Na presença d'este, Jesus estremeceu, chorou e orou.

Os que viram isto, disseram: Como elles eram amigos! Porém maior foi a sua admiração, quando á voz de Jesus, o amigo sepultado sahio do tumulo, e se enfileirou na procissão que seguiu para sua casa, onde se fez um banquete, presidido pelo proprio Filho de Deus.

João Baptista teve a cabeça cortada.

A cabeça do Precursor foi o premio pedido por uma bailarina a esse voluptuoso e mau, que temerariamente quizera fazer aquella quanto lhe pedisse e impiamente cumprira o que com tanta imprudencia promettera. Mas se João diminuiu, por lhe tirarem a cabeça, isto devia succeder, segundo o mesmo dissera, para Christo ficar maior; soffria o discipulo para gloria do mestre; para testemunho da verdade; descia á sepultura levado nos braços dos que seguiam sua escola e Jesus lia ser alevantado no Calvario para chamar a si todas as gentes.

Bemditas são em todas as gerações as santas memorias dos homens de Deus, que vieram a este mundo e n'elle finaram a vida na practica do bem e no assiduo estudo do bello.

Almas pias, almas misericordiosas, podem descansar em paz, que o seu nome levado nas azas d'uma gloria immortal, passará abençoado e querido, de geração em geração.

Não é assim a sorte dos maus. A sua prosperidade é passageira e a sua memoria se conserva como a das pestes e dos incendios, das guerras e dos terremotos.

O seu nome significa o opprobrio da humanidade. Herodes é o symbolo da maldade, da crueldade, da politica incidiosa, cruel e brutal, com apparencias de humanidade e civilização.

Ha infelizmente muitos Herodes nos governos modernos da nossa velha Europa, onde outr'ora a Igreja de Deus, tendo em uma mão o sceptro da realza e na outra o sceptro ainda mais augusto do pensamento, dava leis ao mundo e era o pharol das sociedades humanas. Cremos piamente e convencenos a historia que lucrara com isso a humanidade e a civilização.

Permittiu Deus que viessem tempos maus, em que a guerra à Igreja fosse maior e seus inimigos conseguissem despojal-a por algum tempo da realza temporal e fizessem maiores esforços para enfraquecer ou tirar-lhe mesmo da mão o sceptro do pensamento, a direcção das almas. Não o conseguirão. Deus está connosco e não nos desampará e contra Elle nada valem os trabalhos dos maus.

Jesus dormia na barca dos pescadores. Veio a tempestade; levantou-se o mar.

Os discipulos acordaram então a Jesus que dormia na barca pedindo-lhe que os salvasse, pois que estavam em perigo de morrer assoberbados pelas vagas.

Levantou-se Jesus; mandou ao mar que socegasse, e fez-se uma grande tranquillidade.

O mar é o mundo, as ondas, os maus homens e os maus governos, os vicios e os peccados, o diabo e a carne; a barca a Igreja; os pescadores, o corpo docente, e discente, os clerigos e os fieis, e os padres e os leigos, os christãos; Jesus, o nosso guia, a nossa consolação, a nossa esperança, o nosso refugio, o nosso unico nome de salvação; a oração, o meio d'elle nos livrar dos males.

Recorramos unidos a Deus para nos livrar dos maus governos, que affligem a Igreja.

Poucos são os que não fazem leis em odio a ella, contra ella e contra o seu Christo.

Na mão de Deus está a nossa sorte, mas façam os catholicos da sua parte o muito

que podem e devem fazer e farão em terem respeito os seus adversarios.

Não somos nós os que formamos a sociedade? Não somos nós os que formamos o numero maior!

Se somos mais e temos a preosidade de posse, porque nos deixamos vencer?

É porque esquecemos que a união faz a força. Unamo-nos e seremos invenciveis!

MOYSÉS

É privilegio exclusivo dos grandes homens o resumir em si a historia do tempo em que viverão e a do paiz que lhes foi berço. Esta verdade tem sua applicação especial em Moysés, o illustre caudilho de Israel, porque escrever a sua biographia equivale a narrar os factos mais brilhantes da historia do povo de Deus. Trinta e seis seculos hão passado desde que veio ao mundo este varão verdadeiramente notavel, e ainda hoje, ao perpassar pelas gerações mortas, nos detemos com assombro diante do seu vulto collossal, que o proprio tempo parece querer respeitar na sua grandeza. No que porém, o agente por excellencia de destruição e esquecimento não tem polido fazer, tem-se empenhado alguns escriptores, guiados pelo clarão dubio d'uma falsa sciencia semelhante à miragem dos desertos. Alguem tem negado a existencia do eminente legislador do povo hebreu! Mas está provado por immensas e profundas investigações dos mais celebres auctores sagrados e profanos, que a historia de Moysés não é uma ficção, antes pelo contrario, a primeira em antiguidade e a que contém as noções mais solidas e authenticas dos tempos primitivos.

Em questões de historia é impossivel quasi limitar-se o escriptor a um certo e determinado assumpto perfeitamente isolado de qualquer outro, purisso que muitas vezes para se avaliar um acontecimento, é absolutamente indispensavel referir o que mais ou menos com elle tenha relação. Ora, como a civilização egypcia influuiu muito sobre a civilização judaica, devida a Moysés, vamos, ainda que a largos traços, descrever a religião, costumes, character e instituições do povo em que elle desempenhou a sua divina missão.

O Egypto chamado *Kemri* pelos naturaes, *Misraim* pelos hebreus e que dos gregos recebeu o nome que hoje tem, é uma das mais antigas monarchias do mundo, pois começou logo depois do diluvio (a).

Já no tempo em que Herodoto visitou este paiz, os egypcios se jactavam de terem precedido os outros povos na civilização, pretensão que n'aquelle tempo poderia parecer singular, mas que hoje se acha justificada pela leitura das inscrições hieroglificas.

Julgou-se até ha pouco tempo que o berço da nação foi a Ethioopia; mas o facto demonstrado de que os monumentos vão sendo mais modernos á medida que se vae subindo o Nilo, prova que a civilização caminhou do Egypto inferior para o superior e não vice-versa. E coisa notavel: o estado barbaro porque passaram a maior parte dos povos antigos e modernos parece não ter deixado vestigio na sua historia summamente obscura. Desde os primeiros seculos da sua existencia, vemos a sociedade egypcia de posse de todos os elementos necessarios á civilização: a arte com sua forma essencial, a religião com seus principaes dogmas. Os reis das primeiras dynastias, investidos d'um poder absoluto, dispõem de recursos que lhe offercem um paiz já rico e uma numerosa população. Porisso empreendem expedições longinquas que os cobrem de gloria, e orlão as margens do seu rio sagrado com palacios gigantescos e templos magnificos imprimindo n'uns e

(a) O Egypto tira toda a sua importancia d'um grande rio chamado Nilo, que o corta de sul a norte em toda a sua extensão e que em epochas fixas sae do leito para fertilisar com as suas alluviões o formoso valle que percorre. Esta maravilha das inundações periodicas feriu a imaginação dos antigos que recorriam a supposições extravagantes para explicá-la, ignorando que todos os rios que tem sua origem na zona torrido offercem o mesmo phenomeno em consequencia das grandes chuvas que alli caem. Se o Nilo fosse desviado do seu curso na parte superior, o Egypto desappareceria d'entre as nações, pois nada obstaria á arida uniformidade do deserto da Lybia que o confina. Esta idéa formidavel teve-a o nosso grande Albuquerque para castigar o soldão do Cairo que impedia por todos os meios que podia o nosso commercio na India.

n'outros um cunho de grandeza que não tem outro semelhante na antiguidade nem nos tempos modernos.

No Egypto distinguão-se duas religiões: uma mais sublime, mais philosophica, para honra e proveito d'um certo numero de iniciados; outra que não passava d'um monstruoso conjuncto de crengas grosseiras, para uso das cla-ses inferiores. Era como a linguagem: uma, sagrada, para os sabios, outra, vulgar, para o povo. Na religião augusta do christianismo não succede isto. Não obstante a profundeza dos seus dogmas é acessivel assim aos grandes como aos pequenos, tanto aos sabios como aos ignorantes, por que é apropriada a todo o genero humano.

A religião sacerdotal era uma especie de theologia sabia no fundo da qual se encontrava a grande idéa da unidade de Deus. Com effeito, Herodoto communicou-nos que os egypcios de Thebas reconheciam um Deus unico, o *grande Ammon*, o *pae dos deuses*, cujo nome em egypcio significa *mysterio, adoração*; e os habitantes de Memphis conheciam tambem uma outra divindade superior creadora, outra forma da intelligencia suprema, organisando o Universo com harmonia. Era *Phtah*, o *senhor da justiça*, o *rei dos mundos*, que os gregos não se sabe porque compararam ao seu Vulcano.

O que é verdade é que esta asserção do pae da historia está confirmada pela leitura dos textos sagrados do antigo egypcio, onde se diz de Ammon *que elle é o unico creador do ceu e da terra... o unico Deus vivo em verdade... que se gerou a si mesmo... que existe de todos os tempos... que não ha-de ter fim...* e pelos curiosos templos sem imagens esculptadas que o famoso egypciologo Mariette descobriu perto das Pyramides. Infelizmente este reflexo d'uma revelação primitiva de pressa se obscureceu ou antes foi desfigurado pelas concepções dos sacerdotes e pela ignorancia da multidão. A idéa de Deus confundiu-se pouco a pouco com as manifestações do seu poder; os seus attributos foram personificados n'uma multidão de agentes secundarios, distribuidos n'uma ordem hierarchica e concorrendo todos para a organização geral do mundo e a conservação dos seres. Assim se formou o polytheismo egypcio que, na variedade e extravagancia dos seus symbolos acabou por abraçar a natureza inteira. Ammon, o Deus abstracto, immaterial, increado, esse desapareceu tambem na magnificencia das suas obras e confundiu-se com o sol, o mais antigo objecto do culto egypcio, segundo Rongé.

Além da idéa d'esse Deus supremo, os egypcios, diz este auctor, distinguam na geração eterna um pae e um filho, cujas duas personalidades foram mais ou menos distinctas, conforme os tempos e os lugares. Uma personagem feminina representando o papel de mae e de esposa completava a trindade divina. A mais venerada, porque havia diversas, era a de Thebas, formada por *Ammon*, *Mant*, a *senhora dos ceus*, a *rainha dos deuses*, e *Chous*, o *protector da Thebaida*, umas vezes distincto d'Ammon, outras confundindo-se com elle e exprimindo um dos seus attributos.

Segundo o testemunho de Herodoto, cada provincia tinha suas divindades particulares, mas *Isis* (a lua, outra expressão da potencia infinita) e *Osiris* (o sol nascente ou antes o sol executando a sua revolução noturna e precedendo o nascimento do grande astro) eram adorados em todo o Egypto. Aos olhos do povo d'esta nação, Isis era a maior de todas as divindades e celebravam em sua honra festas estrondosas para as quaes se preparavam com jejuns e novenas. Osiris, divindade celeste e infernal ao mesmo tempo, tinha tambem sua solemnidade e no dia d'ella todas as familias deviam immolar um leitão diante da porta das suas respectivas casas. As pessoas que tinham ingerencia na festividade percorriam os povos e lugares visinhos, levando os symbolos d'este deus e cantando hymnos em seu louvor. Em Sais, onde se mostrava o seu tumulo, representavam-se de noite n'um lago proximo, os acontecimentos mysteriosos da sua vida Isis tinha por symbolo a vitella sagrada, Osiris era representado pelo boi, Apis que nascia d'uma vacca mysteriosamente fecundada por um raio de luz descido do ceu. Apis devia ser negro, ter um triangulo branco na fronte, um signal semelhante a uma meia lua e uma intumescencia da forma d'um escaravelho de baixo da lingua. Quando morria toda a nação tomava luto,

todos se entregavam a solennes lamentações; pelo contrario, quando se manifestava todos se vestiam com as suas meliores roupas e era um nunca acabar os regosijos. Quando não apparecia, havia uma perturbação extrema.

Uma outra divindade que se encontra em quasi todos os tempos egypcios, mas que era especialmente venerada em Sais, era Neith, a Minerva dos gregos.

Era considerada como a mãe do sol, o qual se gerou a si mesmo no seio de Neith. N'uma inscripção, a deusa—mãe do sol proclama-se a substancia de todos os seres e gaba-se de que o véo que a cobre nunca foi levantado.

Além d'estas divindades que representam as phrases diversas e as grandes forcas da natureza, havia uma multidão d'outras, que primitivamente foram symbolos d'estas divindades, mas que acabáráo por tomar o seu lugar. Taes eram: o carneiro, o macaco, o ibis, o escaravelho, o boi, o cão, etc.

A adoração d'alguns d'estes animaes tambem provinha em parte da utilidade que o homem tira d'elles. Eram alimentados á lauta e ao gosto de cada um no templo do deus a que eram consagrados, e depois de mortos, embalsamados e enterrados com grande pompa. Certas cidades eram particularmente destinadas a alguns individuos de cada especie: porque não se vá suppôr que todos os animaes de cada familia eram sagrados. Sômente alguns eram sustentados á custa do Estado e servidos pelos mais elevados personagens. Tambem não eram adorados os mesmos animaes em todos as partes do imperio. Os hippopotamos só eram respeitadas na provincia de Papremis. Os habitantes da Thebaida tinham o crocodilo em grande veneração; nas outras terras faziam-lhe uma guerra de morte.

Augusto Semblano.

CARTA DE MANOEL TREPEÇA

A SUA MANA

LELIA GUSMÃO

Querida mana, cá 'stou
De posse da carta tua.
Matei logo uma perua
Foi com brodio celebrada
A tua carta adorada.

Só fiz n'ella algum reparo,
Notei que os compositores,
Ou então os revisores.
Deixaram passar no prélo
Farinha, grão e farélo.

Por que tu, mana querida,
Sabes as regras formosas
Dos Sanches e dos Barbozas,
Tens boa caligraphia
E melhor orthographia.

Portanto pede cuidado,
Solta da lyra canções;
Mas não falles de mações
Que a tal respeito no viate
So dá o «Constituinte».

Conforma-te com a moda,
Que é moda ser liberal;
Se vires o branco avental
Em homens de saia preta;
Deixa-os lá, não lhe dês treta.

Demais, o sexo bello,
As damas primor da moda
No can-can da grande roda
Já não uzam avental
E coisa et cetera e tal.

Amante da liberdade
De pensar e de vestir,
Não deixarei de me rir
Das chistosas arrelias
Que fazem ao José Dias.

Vê que um homem de avental
(Eu juro por vida minha)
Não será má figurinha:
Até o Zuli Primeiro
Fará d'elle um sapateiro,

Apesar de ter lá em casa
De botas grande fatura,
De bom tamanho e largura,
Dizem tambem que em S. Bento
As ha de bom polimento.

Que lá se fazem de pares
As fornadas bem cosidas,
Gaspiadas, bem cerzidas,
Que Braga, terra carola,
Forneceu bem boa sóla.

Em fim, o mundo assim vae,
E mais veremos ainda;
Portugal está na berlinda,
E hoje o seu ideal
E' a festa do Pombal.

Até se conta á surdina
Que o Zé Telhado e Brandão
Mais dois herões p'rá função
Na festa, de parceria,
Entram c'o a maçonaria.

Ai, mana, se não m'engano
A coisa vae muito mal...
Fica tributado o sal...
...Manda nosso parlamento
Usemos só de pimento.

É que as fontes de receita
Não pôdem ser esgotadas,
Cada vez mais avivadas
Jorram tributos ao Minho,
Mas só paga o Zé Povinho.

Mala dicha teem os reis,
Que até a dona Victoria,
(Se não me falha a memoria)
Esteve ha pouco a dar fundo,
A deixar o tórto mundo.

Da maçonica cambada,
Hoje, em fim em toda a parte,
Se aperra o bacamarte:
Os homens dos... pontinhos
Teem rijos figadosinhos.

Eu e tu, mana querida,
Em escreveres empenhada
Para a «Cruz e a Espada»,
Fico e ficas mettedinha
Entre a cruz e caldeirinha.

Mas em fim desanimar
Não é proprio de valentes;
Se encontrares raivosos dentes
Vê como lhe has d'escapar
Desviando o calcanhar.

Adeus ó mana querida
Meus respeitos á priminha;
Patacos e saudinha;
A mana jámais esqueça
Seu mano—

Manoel Trepeça.

8—3—82

CORRESPONDENCIA

Lisboa 9 de Março de 1882

(Do nosso correspondente)

Causaram dolorosa impressão nos catholicos de Lisboa as espressãoes que o sr. padre Bacellar avançou na primeira reunião para a *Liga Catholica* em Portugal, com séde na cidade dos arcebispos.

S. Revm.^a foi leviano, temerario e calumniador até, ao avançar espressãoes tão levianas, temerarias e calumniosas ácerca do partido legitimista.

Leia S. Revm.^a os annaes do partido legitimista, leia o seu orgão official a *Nação* desde o primeiro até ao ultimo numero, e convencer-se-ha de que, se ainda existem n'este abençoado, quanto malfadado paiz, catholicos sem sobrenome, a elle e a ella se deve.

Tiveram logar, terça feira, na igreja da Encarnação solennes exequias por alma

do bispo de Vizeu. A commissão, que as promoveu, era composta da gente mais grada do partido, em que o finado militava.

As magestades da carta fizeram-se representar, e representados estavam alguns centros do partido progressista.

O ministerio estava todo á excepção do ministro dos estrangeiros, cuja saude é pouca.

Os ministros estão tão pouco acostumados ás egrejas, que alguns apenas saíram da capella-mór poseram os chapéus na cabeça para vestir os casacos de agasalho; o mesmo fez o sr. Marianno de Carvalho.

Diz-se que serão em Julho as eleições supplementares.

Houve hontem reunião de conselho de ministros, reinou sempre a melhor harmonia entre todos.

A camara alta por falta de trabalhos não tem funcionado; está quasi passada a legislatura, e nada de util se tem feito até agora.

Morreu o commandante do regimento n.º 5, que na minha ultima dera em perigo de vida. Seus ultimos momentos foram de um catholico fervoroso.

O nosso amigo dr. Fernando Podoroso foi eleito vice-presidente da associação dos jornalistas a qual deve hoje reunir, pelas 7 horas aa noite, para discutir a maneira de tomar parte nas festas do centenario d'es-se verdugo sanguinario e feróz do que se fez marquez de Pombal.

O nosso amigo vae disposto a combater tal idéa.

Reunem hoje á noite, no governo civil, as commissões da fazenda e de obras publicas; esta para revisão e discussão das emendas propostas na camara electiva, e aquella para tratar de assumptos concernentes ás obras publicas. Afirmam-me que hoje será presente o processo do syndicato portuense e caso se prove que, se não podia fazer por outra parte o caminho de ferro, será approvedo.

Lisboa acaba de ser profunda e dolorosamente consternada. Um desacato que houve na igreja de S. Christovão tem pungido o coração dos crentes; foi o caso:

Tres estudantes da *Escola Moderna* foram commungar á já referida igreja, e em vez de consumir a *Sagrada Particula*, cuspiram-na. O sacristão vendo no chão as *Sagradas Formulas* ficou atonito e horrorizado, o qual foi dar parte ao prior, que da mesma fórma ficou aterrado.

Dizem-me que se instaurou o processo competente.

Em desagravo de tão inaudito sacrilegio haverá na igreja dos Caetanos, segunda, terça e quarta feira preces, e na quinta feira missa, Communhão, sermão e benção do Santissimo.

Consta-me que em S. Vicente se está redigindo uma circular que será breve enviada aos priores.

Santo Deus!!! São estes os fructos que os liberaes nos trouxeram.

Confirmo o que na minha ultima dizia ácerca da greve dos cigarreiros da fabrica Regalia. A greve finalisou e a fabrica funciona regularmente.

Alguns disturbios que tem havido junto da mesma fabrica são promovidos pelos desordeiros que não foram readmittidos; isto mesmo me certificaram no escriptorio da fabrica, onde fui de proposito.

Armenio.

COMMUNICADO

Srs. redactores:

Publicaram vv. a minha carta que dava explicações á noticia menos exacta do seu correspondente de Lisboa, com respeito á publicação d'um jornal por mim e pelo meu respeitavel amigo o sr. Ribeiro Saraiva; sinto porém, que lhe cortassem um periodo da minha carta, porque foi cortar a minha opinião, que é tambem seguida por pessoas graves, e de bom criterio politico, e que veem alguma coisa ao longe sem ser preciso oculos de alcance.

Agora, que o seu Armenio, que todos já conhecemos, volta a occupar-se de nós

avaliando o nosso animo dir-lhe-hei só que não estou para lhe dar secca.

Sou meus redactores

De vv. etc.

Lisboa 7—3
1882.

J. L. Carreira de Mello.

NOTICIARIO

o Coelho do «Commercio». — Este mestre de portuguez, o auctor das chinfriadas da *Commercio do Minho*, acaba de receber do excellente jornal catholico a *Palavra*, a lição mais severa que se pôde dar, a um pedante de semilhante ordem.

Transcrevendo na integra todo aquelle amontoado de asneiras e insultos, que dirigiu o Coelho do *Commercio* ao nosso collega o sr. Torres, faz, a tal respeito, as mais sensatas considerações, e, com uma critica seria e desapaixionada, diz entre outra coisa o que, com a devida venia, passamos a transcrever:

«Em seguida, dirigindo-se á «Cruz e a Espada», que é o novo periodico legitimista de Braga e o que desde logo adheriu com entusiasmo ao pensamento da Liga Catholica, como já dissemos, o *Commercio do Minho*, que já dias antes tinha insultado d'um modo atroz o seu collega e correligionario, investe novamente contra elle com a seguinte lingoagem:

«Agora tocou a vez ao Revm.^o sr. Padre Bacellar e ao digno redactor da «Cruz e a Espada»; o primeiro, um sacerdote exemplar, laborioso e illustrado, mas que tem a desgraça de não ser politico legitimista; o segundo um moço de grande talento e (de sentimentos catholicos purissimos comquanto, pelos seus principios de familia e por outras circumstancias, não tivesse podido frequentar os bancos das aulas, o que não impede que possa dar a mais aproveitaveis lições de portuguez ao *Commercio do Minho*, se este, reconhecendo os pontapés que todos os dias dispara na grammatica, as quizesse receber». Veja-se a este espelho sr. localista do *Commercio do Minho*.

No Jardim.—Pancadaria — gadilhada e navalha em punho: duas mulheres batiam-se como desesperadas, uma era a cara amada do Jardineiro, e a outra a sua ajudante. A final tudo socegou com a intervenção da policia.

O ciume não foi estranho á contenda.

Mestre Coelho.—Foi um prodigio aparecer no ultimo quartel do seculo 19, este sabio que se propõe a dar lições de portuguez agallegado, na sua banca de feira. Estas lições serão ás duzias, e cantadas e afinadas por uma gaita de folle.

Na abertura da tenda, o 1.^o socio da firma, o itrujão-mór, rufará o seu tambor, e recitará aquelle antigo sermão dos rapazes do Minho. «Eisl-o—: sermão de Zé Coelho com seu barrete vermelho! Com sua espada de Cortiça, para matar a Carriça!!!

Muito bem! Bravo!

Já veem, como a providencia vela sobre nós, fazendo nascer em um reino tão pequenino como o nosso, uma intelligencia, que, se tivesse nascido no Imperio Germanico, deveria ser o braço direito do 1.^o chanceller do Imperador Guilherme!

Abençoada mãe, que deu á luz tão grande sabio... só se faz ouvir ao rufo de tambor!!!...

Fallecimento e autopsia.—Falleceu o sr. Francisco Jorge d'Oliveira, brasileiro que morava para os lados de S. Vicente, tendo logar os officios funebres na igreja da veneravel Ordem Terceira; porém, segundo denuncia anonyma que houve á justiça, o exm.^o sr. dr. Delegado, requereu exame no cadaver, antes de ser dado á sepultura, o que teve logar hontem pelas 2 horas da tarde no cemiterio publico, com assistencia de peritos. Consta-nos que não haviam os mais ma-

nimos signaes de perpetração de crime. Antes assim.

Condemnamos a traiçoeira mão do anonymo, que servindo-se de um meio infame e cobarde, vem lançar muitas vezes o labéo em uma familia honrada, e conspirar sobre o cadaver ainda quente d'aquelle, que muitas vezes, dava a paz ao lar domestico.

A justiça cumpriu os seus deveres.

Outro.—Tambem se finou em Villa Pouca de Rezende, o exm.º snr. dr. José Manoel Teixeira Pinto. Era um legitimista decidido e catholico ás direitas.

Paz á sua alma, e á illustre familia os nossos mais sinceros sentimentos.

AO COMMERCIO DO MINHO.—(Resposta á local, a pasquinada). Este jornal, que á ultima hora se arvorou, em orgão do partido legitimista de Braga, sem que possuia o respectivo diploma, occupou-se da nossa pessoa de um modo honroso, embora lhe tivessimos fechado a porta, prometendo-lhe abril-a, logo que se nos apresentasse limpo e decente.

Na verdade, é um cavalheiro á Redondella, e digno de entrar, aonde senão pôde dispensar...

Contudo, pesando todos os insultos que nos dirigiu, fructos da sua lavra, com as honras de redactor do nosso jornal, ficamos na verdade bem recompensados; e nunca nos persuadimos que a nossa humilde pessoa subisse a tão alto grau.

Por ultimo, saiba o Commercio, que os nossos redactores envergonhar-se-iam de lhe estender a mão, e mesmo de entreter qualquer polemica com quem fica a desaparecer no campo dos principios.

Estude e medite; depois questione.

Não applicamos aqui o latinorio do mestre Coelho: ficava a matar.

A nossa porta continúa, fechada.

Socegue collega que o estampido dos seus protestos acompanhados do fumo das suas lagrimas, já chegaram ao céu, e por consequencia a esta hora, acha-se salva a honra do nosso partido.

Abençoa los suspiros, que espirraram tão doces lagrimas! Amen.

J. T.

Fallecimento.—Mais um cavalheiro distinctissimo acaba de ser riscado do numero dos vivos. Foi o exm.º snr. José Maria de Abreu Pereira Coutinho, da casa do Paço, freguezia de S. Victorino d's Donas, concelho de Ponte do Lima. Character nobilissimo, e tão querido como respeitado de todos que tinham a fortuna de o conhecer, deixa de si uma memoria honrada.

Contava 68 annos de idade. O partido legitimista, em cujo campo militara sempre com aquella lealdade propria de um fidalgo de puro sangue, chora, e sobejas razões tem para isso, a falta de tão conspicuo como dedicado correligionario.

O snr. José Maria d'Abreu Pereira Coutinho foi official de exercito legitimista. Tão corajoso como valente, nunca voltou as costas ao inimigo, como o podem affirmar esses poucos soldados que ainda restam, e que com elle combateram pela mesma causa, que nós estamos defendendo ainda, e defenderemos n'este jornal até ao ultimo dia da nossa existencia.

Descance em paz o nosso illustre amigo, e recebam os nossos sinceros pezames seus exm.º sobrinhos de quem somos dedicados amigos e a quem muito prezamos.

Que Vibora.—Na freguezia de Ferreiros, suburbios d'esta cidade, a mulher d'um empregado do caminho de ferro, o capataz pespegou-lhe com o ferro de go-mar na cara, deixando-o em um misero estado. Foi presa e recolhida á cadeia, e elle acha-se em tratamento, com o nariz dilacerado.

Obito.—Tambem se finou uma thia do exm.º snr. dr. Pimenta Gonçalves. Era dotada de todos os requesitos que formam uma boa alma.

Os nossos sentidos pezames a toda a illustre familia.

Morte de um alienado.—Falleceu no dia 7 do corrente, no hospital de Rilha-folles, o dr. João Augusto da Rocha Freitas, conego da Sé de Faro e irmão do tenente José Luiz da Rocha Freitas, accusado do crime de morte commettida na pessoa

do capitão Augusto Antonio Soares Martins.

O fallecido era natural de Coimbra e bacharel formado em theologia; entrara para o hospital em 28 de julho de 1877, padecendo de lypemania.

O Elevador.—Parece que é diffinitivamente, no dia 23 do corrente mez, a inauguração do Elevador, no Bom Jesus do Monte.

Procederá a respectiva benção o snr. arcebispo primaz, e assistirão á cerimonia as autoridades civis, judiciaes, e militares, a imprensa e muitas pessoas de distincção.

Preparam-se para essa occasião grandes festejos n'aquelle local.

A direcção do caminho de ferro do Minho e Douro estabelece comboys de ida e volta a preços reduzidos para todas as estações da linha.

Opportunamente publicaremos o programma d'esta festa, uma das melhores que vae presenciar esta cidade.

(C. do Norte).

Donativo.—Consta a um nosso collega d'esta cidade, que fóra offerecido á Associação Catholica d'esta cidade a quantia de 45\$000 reis.

Procissão de Passos.—Tem logar amanhã na freguezia de Cabreiros d'este concelho, a procissão de Passos.

Seis pessoas envenenadas.—Deu-se ultimamente em Lisboa mais um caso de envenenamento, que abrangeu oito pessoas, as quaes estiveram em perigo de vida. Acham-se hoje salvas, felizmente.

Esta gente costumava ir comer a uma casa da calçada do Duque, onde se gastava vinho de uma taberna proxima.

O envenenamento manifestou-se por vomitos, e os medicos, depois de minuciosas averiguações, e de uma rapida analyse, conheceram que era o vinho que estava envenenado. A beberagem continha uma pequenissima porção de vinho, muita agua, sangue de boi, pau de campeche, assucar mascavado e vitriolo, para evitar de certo a despeza de aguardente. Vai se fazer uma analyse rigorosa.

A policia, que se entretém em não consentir á porta da Havaneza grupos de mais de uma pessoa, e que anda aliciando os operarios grevistas para voltarem á fabrica, cumpre cuidar d'este grave assumpto e exercer rigorosa fiscalisação na questão dos alimentos, que os competentes dizem ser uma das principaes causas da grande mortalidade, que se nota em Lisboa.

Que a policia do Porto olhe tambem para esse importantissimo assumpto com a necessaria attenção.

A questão do imposto sobre o sal.—Transmittem de Aveiro, em data de ante-hontem:

O sal baixou um pouco de preço. O reccio do imposto fez com que a offerta seja agora maior e por isso que baixe o preço. São já as consequencias d'essa medida, que pôde reduzir Aveiro á mais lamentavel desgraça. O que ainda ha pouco se vendia por 29\$000 reis, está já por 28\$500 e 27\$000. Pelo caminho de ferro tem-se feito remessas de grandes porções, o que quer dizer que os commerciantes se previnem contra a eventualidade do imposto, que virá a agravar muito as remessas que se fizerem quando elle esteja em execução.

Um suicidio.—De Madrid noticiam o seguinte, em data de 7:

O café Imperial foi hontem theatro de uma occorrenca tragica.

Entre a uma e as duas horas da tarde, um rapaz de vinte e dois annos, decentemente vestido, entrou no referido café e sentou-se a uma das mezas que dizem para a carreira de S. Jeronymo.

Depois de examinar a lista, pediu ao creado uma ração de rim, outra de queijo, pão e meia garrafa de vinho, e comeu e bebeu com uma grande serenidade, ao que parece.

A pouco trecho, pediu aprestos de escripta e escreveu duas cartas, após o que desembolsou uma pistola de dois canos, systema Lafocieux, e disparou simultaneamente dois tiros sobre o coração.

As diversas pessoas que estavam no café acudiram em auxilio do infeliz e levaram-no immediatamente em braços para um trem de aluguer, que o trasladou á Casa de Socorro do districto.

Pouco depois de chegar alli o desgraçado expirava.

As duas cartas eram endereçadas—uma á auctoridade judicial, a quem o rapaz dizia que se dava á morte por falta de recursos, e a outra a uma senhora da aristocracia. N'esta ultima carta, lamentava-se de que essa senhora lhe não tivesse dado a somma que havia tres dias lhe pedira.

O suicida era estudante e natural de Valencia.

Guiteau.—A irmã de Guiteau, mistress Scoville, escreveu á viuva do general Garfield, pedindo-lhe que interceda para salvar o assassino de seu esposo, pois commetteru o crime n'um accesso de alienação mental.

A viuva do presidente recusou-se a intervir n'este assumpto.

Pelos ares.—Realizou-se no sabbado a tentativa de atravessar em balão o canal de Mancha.

Os aeronautas sahiram de Douvres, e, tendo percorrido cerca de 11 milhas, houveram que descer ao mar, por causa da força do vento, na occasião em que passava o navio que faz a travessia de Calais.

O coronel Brine e Simmons foram recolhidos a bordo e trasladados a Douvres.

Consta que em breve tentarão de novo a travessia.

Carniceria.—A febre amarella, que tantas victimas está fazendo no Senegal, é causa de que essa colonia se veja em continua guerra.

No dia 8 de fevereiro, 500 negros atacaram a cidade de Sedhion e, apesar de uma energica resistencia da guarnição, penetraram no povoado, roubando consideraveis riquezas e assassinando um grande numero de habitantes.

ESTRANGEIRO

Paris, 9.—O conselho de ministros decidiu que as contribuições de guerra cobradas á regencia de Tuois não entrariam no thesouro francez, mas sim seriam reservadas para o thesouro do boy, junto de quem a França tem procedido como auxiliar.

O «Gaulois» refere a entrevista que um dos seus amigos teve em Bondisco, camarista do czar, durante a sua estada recente em Paris, Bondisco fallou da má impressão que produzira na corte da Russia o discurso do general Skobelev. Disse que o czar não hesitou em desaproveitar o general, e o enviou immediatamente a elle, Bondisco, a Berlim com uma carta autographa para o imperador Guilherme. A carta restabeleceu a confiança e a harmonia cordeal entre as duas côrtes. Acrescentou que Ignatieff desaprovou igualmente Skobelev.

Madrid, 10.—Chegou esta manhã a Madrid a familia real que foi muito bem recebida em Cordova.

O circulo commercial resolveo exhortar os lojistas que paguem as suas contribuições, e a que reclamem depois o abatimento das patentes.

Londres, 9.—Findou hoje na camara a discussão acerca da lei agraria, sendo regeitada por 303 votos contra 219 a moção da questão previa proposta pelo sr. Gibson. Em seguida foi a moção sr. Gladstone approvada por 303 votos contra 235.

Vienna, 9.—Está gravemente enfermo o archiduque Eugenio em consequencia de ter dado uma queda do cavallo.

Cairo, 9.—O governo egypcio tenciona licenciar o exercito destinado a Sudan.

S. Vicente, 10.—Segue hoje para Lisboa o paquete «Tamar» da Mala Real. O paquete «Neva» da mesma companhia segue para o Rio da Prata.

Argel, 8.—Confirma-se que o combate que se deu ultimamente entre os arabes e as tropas francezas, perto Giguig, foi já em territorio marroquino, cujas fronteiras os soldados transpuzeram sem o saber. O commandante do destacamento foi censurado por este facto, e deram-se logo instrucções formaes para evitar que se repita semelhante engano.

O ATTENTADO DE WINDSOR

Macleon escreveu do carcere uma carta á rainha Victoria, expondo as intenções que abrigava ao commetter o attentado contra sua magestade. É curioso este documento, que em seguida inserimos:

«Março, 2.—Não sou culpavel de ter disparado um tiro com o intuito de causar danos apreciaveis. O meu fim era, do mesmo passo que assustar a rainha, impressionar fortemente o publico, e assim atrahir a attenção sobre a penuria em que me encontro. Todas as circumstancias tendem a confirmar esta declaração. Em primeiro lugar, se eu desejasse a morte da rainha, teria disparado quando vossa magestade descia do wagon. E o que fiz eu? apontei ao nivel das rodas. Como, porém, o revolver se não conservasse firme em consequencia da minha debilidade extrema, a bala foi alojarse n'uma das portinholas.

Se vossa magestade acceita esta explicação e admite as palavras com intento de intimidar-a em vez de causar-lhe grave damno, para que assim constem no processo, farei tudo quanto em mim caiba para que este assumpto se conclua o mais breve possivel.

Espero que vossa magestade aceitará a unica consolação que posso offerecer-lhe—a de que não tive intenção alguma de lhe fazer mal.

Roderick Maclean.

Macleon foi transferido no sabbado á noite, de Windsor para a prisão de Reading.

O superintendente de policia Hayes enviou ás auctoridades a nota seguinte, escripta a lapis, que elle encontrara n'um dos bolsos do assassino, logo depois do attentado:

«Eu não teria commettido este crime, se o sr. me houvesse pago, como devia, dez shellings por semana, em lugar de me offerecer a somma ultrajosamente baixa de seis shellings.

Já vê que grande bem o snr. poderia fazer com tão pouco dinheiro, se não me tivesse tratado como a um doido e mais do que nunca excitado contra estes malditos aristocratas, sob a influencia d'essa velha snr.ª Vic. . . , que é uma ladra em toda a accepção do termo.

Roderick Maclean.

2 de março de 1882. Sala de espera, caminho do Great Western.»

Á ultima hora

PORTO, 11.—Á REDACÇÃO DA

CRUZ E A ESPADA

(Do nosso correspondente)

A caixa filial da Sociedade—Batata, Coelho e C.—dissolveu-se por falta de Capital na séde. No mundo politico não se falla senão no sermão do conego Alves Matheus.

A liga catholica toma grande desenvolvimento. Ávante catholicos, todos por um e um por todos: Satanaz será castivo.

M. S.

AGRADECIMENTOS

Padre Francisco Alves Morgado Junior, Padre Francisco Alves Morgado Senior, sumamente penhorados, manifestam o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas, que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de seu sempre chorado pae e irmão José Alves Morgado, e especialmente, aos muito Reverendos Snrs. Ecclesiasticos e seculares que assistiram ao funeral. (22)

Venancio José da Silva Rego, e sua mulher agradecem penhoradissimos a todos os exm. snrs. e senhoras que se dignaram cumprimental-os e prestar-lhes seus serviços por occasião do fallecimento de sua cunhada e irmã, Roza Maria Ferreira Peixoto, e a todos protestam a sua gratidão. (18)

ANNUNCIOS

COLLEGIO DE SANTA CATHARINA
Rua da Alegria N.º 473
PORTO

Este collegio mudou em outubro, para a linda quinta denominada do Luciano, logar o mais saudavel da cidade do Porto e o mais proprio para casas d'esta ordem.

Bõa disciplina; instrucção bem dirigida; sustentação solida, sadia e abundante. Os alumnos são tratados como filhos. Pede-se aos paes de familia o favor de visitarem esta casa de educação e de se informarem a respeito d'ella.

O Director.

José de Ramos Soares Baltar.

Sociedade Democratica Recreativa

Na Sociedade Democratica Recreativa, sita na rua de S. Marcos, d'esta cidade, acha-se aberta a matricula para o curso nocturno de instrucção primaria para adultos que começa a funcionar no dia 6 do corrente mez de março. Os alumnos nada despendem porquanto o ensino é gratuito e todas as despesas de papel, livros, etc., etc., são á custa da mesma Sociedade.

Todos os individuos que desejarem utilizar-se d'esse beneficio, devem dirigir-se ao secretario, no edificio da Sociedade. (21)

Editos de 10 dias

Pelo Juizo de Direito da Cidade e Comarca de Braga e cartorio do Escrivão do 1.º officio—do mesmo Juizo—Freitas—correm editos de 10 dias a contar da publicação do 2.º annuncio—no Jornal A Cruz e a Espada, citando, requerendo e chamando todos os credores incertos na Execução na sentença de Acção—Ordinaria em que foi author José Carneiro da Silva, viuvo, do logar do Muro freguezia de Meixomil, Comarca de Louzada, contra o Executado José Ferreira Fontão, ou José Bonita, da freguezia de Teboza d'esta Comarca, e actualmente prezo nas cadeias d'esta cidade, que tenham direito a oppor-se as quan-

tias arrastadas que são as seguintes; 146\$250 reis. na mão de Manoel Gonçalves dos Santos, prego d'uma Junta de bois comprada ao executado;—160\$800 reis na mão de Antonio Francisco de Oliveira, casado da freguezia de Modiras—; 134\$400 reis na mão de Manoel de Azevedo Maia, da dita freguezia de Modiras; que se constituíram depositarios das mesmas quantias; e isto para pagamento da quantia de 345\$588 reis, liquidados nos autos de Acção ordinaria, e bem assim das custas do arresto e mais despesas accessidas; tudo sob pena de rebelia e de se passar mandado faavor do dito José Carneiro da Silva. Tudo na conformidade do artigo 931 e seguinte Codigo de Processo.

Braga 1 de Março de 1882.

O Escrivão

José Firmino da Costa Freitas.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Adriano Carneiro de Sampaio.

(19)

Editos de 40 dias

Pelo Juizo de Direito da Cidade e Comarca de Braga e cartorio do Escrivão do 1.º officio do mesmo Juizo de Direito—correm editos de 40 dias a contar da publicação do 2.º annuncio, na folha official—Diario do Governo, e n'outros d'esta Comarca de Braga, citando, requerendo e chamando a Francisco Fernandes Rato, ausente em parte incerta, para na 2.ª audiencia d'este Juizo depois de passado o dito prazo falla a todos os termos dos artigos de Habilitação activa e passiva promovida contra os paes do dito citado por D. Anna Candida Borges Falcão, Duarte Borges Pacheco Pereira e José Borges Pacheco Pereira, na qualidade de herdeiros habilitados de seu irmão Jacome Borges Pacheco Pereira Brandão, d'esta mesma, e findo o dito prazo ver assignar 3 audiencias para contestar. Declara-se que as audiencias n'este Juizo de Direito se costumão fazer ás segundas e quintas feiras de cada semana não sendo dias friados ou santificados, porque sendo-o, se fazem nos immediatos no Tribunal Judicial, sito no largo de Santo Agostinho d'esta cidade por 10 horas da manhã. Braga 25 de Fevereiro de 1882, leva um sello de estampilhas do valor de 10 reis.

O Escrivão

José Firmino da Costa Freitas

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Adriano Carneiro de Sampaio.

(20)

Venda de casa

Vende-se uma morada de casas situa da na Cruz de Pedra, n.º 52, ou arrenda-se desde já. Tem bons commodos, excellente quintal, e agua de poço com bomba.

No caso de venda pôde ficar o comprador com dous terços do dinheiro a juro de 5 por cento.

Tracta-se na redacção d'este jorna

(5)

Declaração

Constando á Meza administradora da confraria de Nossa Senhora do Sameiro que, alguém mandou fabricar medalhas com a effige da Virgem SS. e Immaculada do Sameiro e as quer vender como pertencentes á mesma confraria; vem declarar ao publico que, as medalhas proprias da confraria são apenas as vendidas na sacristia da capella do Sameiro e em casa do Thezoureiro, João Baptista Gomes Ferreira á rua dos Capellistas n.º 9 e o preço das mesmas é de 10, 20, 30, e 50 reis.

A meza faz esta declaração para inte-

ligencia e prevenção dos devotos d'aquella Sagrada Imagem, e aos dedicados engrandecimentos d'aquella local. (14)

Dinheiro a juro

Na confraria de Santa Luzia, erecta na Sé Primaz, ha para mutuar a quantia de 416\$000 reis, sob hypotheca: quem pretender a dita quantia, pôde dirigir á meza o seu requerimento e juntar os titulos respectivos da hypotheca a constituir.

Braga 24 de Fevereiro de 1882.

O secretario,

(16) Gabriel Angelico de Carvalho.

Loterias

EXTRACÇÃO A 15 DE MARÇO

Principia ás 11 e meia horas de manhã. De tarde estará patente o telegrama dos premios maiores; ha apenas um resto de vilhetes, meios decimos, oitavos, quartos e fracções de diferentes preços. Estão á venda na casa de Cambio e Lotarias na Praça do Barão de S. Martinho n.º 28—Braga.

Encontra-se n'este estabelecimento um bom sortido de Bilhetes de Loteria, para todos os sorteios.

Agente de Antonio Ignacio da Fonseca e de João Candido da Silva, n'esta cidade, IGNACIO TORRES, Praça do Barão de S. Martinho n.º 28—Braga.

No sorteio de 28 de Fevereiro, foi vendido n'esta casa o n.º 1:402, com o premio de 1:000\$000 reis, em oitavos e cautellas.

Na mesma casa fazem-se chapeos para Senhora e criança, de vesita, e de Campo, á moda de Paris; assim como se compõe os mesmos; preços commodos.

Na mesma casa se encontra um bom sortimento de camizas, colarinhos, punhos, mantas e gravatas, tudo alta novidade.

LA MOSCA

JORNAL DE CARICATURAS

Preço por 3 mezes ou 12 numeros, 400 réis. Publicou-se o numero 43, e está em publicação o numero 46.

Toda a correspondencia será dirigida ao gerente do Jornal La Mosca, Travessa do Cêgo, á Praça das Flores, 23, Lisboa.

MISSAL ROMANO

EM

PORTUGUEZ

PELO PRESBYTERO

Manuel Damaso Antunes

Concluiu esta importante publicação a mais completa no seu genero, e que comprehende tambem orações de preparação para a issa, e orações em acção de graças, bem como as visitas ao Santissimo Sacramento, que todo o catholico deve fazer ao entrar na Igreja.

É um livro de pequeno formato e elegante, nitidamente impresso, proprio para senhoras levarem á Missa e acompanharem em todas as palavras o sacerdote no santo sacrificio.

Tem a approvação indispensavel dos Prelados da Igreja Lusitana.

Preços

Por cada exemplar, em folha.. 1\$200

Por cada exemplar, encadernado..... 1\$400

Por cada exemplar, encadernado em marroquim com folhas e capas douradas..... 1\$800

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao mesmo Presbytero. R. Formosa 79—1.º

Collegio de Sant'Anna

PARA MENINAS

BRAGA

19—CAMPO DE SANT'ANNA—19

DIRECTORA

AMELIA DOS REMEDIOS AMADO

ABRIU-SE este novo estabelecimento de educação e ensino para meninas internas, externas e semi-internas, no dia 7 de novembro findo no excellente palacete do campo de Santa Anna n.º 18.

O ensino comprehende: instrucção primaria, portuguez do 1.º e 2.º anno, francez, piano e todas as mais prendas que convem a uma senhora, tendo para isso professores de merito conhecido e de abalisada proficiencia.

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS N.º 5

Vende papeis pintados para guarnecer salas, lindissimos gostos, a principar em 80 reis a peça.

Vende oleo, tintas vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e por preços muito resomidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.

TYPOGRAPHIA LEALDADE DE MANOEL JOSÉ ANTUNES DE CARVALHO
Rua de Jano N.º 4—1.º andar.